



CARTA ABERTA: UMA PROPOSTA DE PRODUÇÃO TEXTUAL PARA O ENSINO MÉDIO

Claudiane Maciel da Rocha Martins

Universidade Estadual da Paraíba – kaucampina@hotmail.com

RESUMO: O presente artigo *Carta Aberta: uma proposta de produção textual para o ensino médio* é parte de um relato de experiência desenvolvido em uma turma de 3ª série do Ensino Médio regular noturno da E.E.E.F.M. José Miguel Leão, localizada em São José da Mata – Campina Grande – PB. O principal objetivo da proposta foi trabalhar a produção textual do gênero Carta Aberta a partir de atividades sequenciadas e articuladas (Sequência didática), elevando esse gênero a objeto de estudo das aulas de Língua Portuguesa e aperfeiçoando as práticas de escrita dos alunos envolvidos na pesquisa. Esse trabalho, que teve como principal amparo teórico os estudos sobre gêneros textuais de Marcuschi (2008) e Sequência Didática de Schneuwly, Noverraz e Dolz (2004), tomou como corpus para a análise dos dados a descrição e discussão das etapas constituintes da sequência didática aplicada em sala de aula, no intuito de demonstrar que a aprendizagem da escrita não é algo que ocorra espontaneamente, mas sim através de uma proposta de intervenção baseada em atividades sistemáticas e planejadas. Nesse sentido, o estudo contribuiu para constatar que é possível se ensinar e/ou aperfeiçoar a escrita dos estudantes do ensino médio utilizando a transposição dos gêneros textuais para a sala de aula.

Palavras-chave: Gênero textual, Sequência Didática, Carta Aberta.

INTRODUÇÃO

Como professora de Língua Portuguesa da Educação Básica, deparo-me diariamente com a dificuldade e até uma certa resistência dos estudantes do ensino médio, principalmente os da 3ª série, em escrever textos. Essa realidade, levou-me a buscar alternativas no sentido de amenizar essa deficiência e resistência dos alunos. Para isso, busquei fugir do tradicional ensino da redação escolar baseado exclusivamente na produção escrita das tipologias textuais (narração, descrição e dissertação) que, de certa maneira, atende apenas ao objetivo único da escola, tornando muitas vezes a atividade de produção textual uma tarefa pouco significativa para o aluno, uma vez que a redação acaba sendo produzida da e para a própria escola



(MARCUSCHI, 2007, p.66). Reforçando ainda essa ideia Marcuschi (op.cit.) destaca que “na escola, a demanda do texto a ser redigido pelo aprendiz não costuma vir de uma prática social externa, mas responde a um objetivo interno à instituição e, por isso mesmo, está sempre relacionada ao seu propósito pedagógico”.

Fugindo então a essa perspectiva escolar, desenvolvi em uma das minhas turmas da 3ª série do ensino médio regular noturno da E.E.E.F.M. José Miguel Leão, localizada em São José da Mata – Campina Grande – PB o projeto “**Carta Aberta: uma proposta de produção textual para o ensino médio**”, visando trabalhar a produção textual do gênero Carta Aberta a partir de atividades sequenciadas e articuladas (Sequência Didática), elevando esse gênero a objeto de estudo nas minhas aulas de Língua Portuguesa e aperfeiçoando as práticas de escrita dos alunos envolvidos. Além disso, tive a preocupação de, ao propor essas atividades em sala de aula, evidenciar que a produção textual exige, dentre outros aspectos, que se tenha em mente, por exemplo, para quem, quando, sobre o que, com que objetivo se escreve, etc. Isto é, procurei trabalhar a produção textual a partir da perspectiva da teoria dos gêneros textuais. Dessa forma, o presente trabalho teve como principal amparo teórico os estudos sobre Gêneros textuais de Marcuschi (2008), Schneuwly e Dolz (2004) e outros estudiosos que apresentam uma proposta de ensino-aprendizagem da produção textual a partir do trabalho com os gêneros em sala de aula.

A metodologia utilizada baseou-se na proposta de sequência didática difundida aqui no Brasil por Schneuwly e Dolz (2004), a qual parte de um conjunto de atividades articuladas e planejadas sistematicamente, objetivando ajudar o aluno a dominar melhor um gênero de texto. A análise do corpus, portanto, consistiu na descrição e análise das etapas constituintes da sequência didática aplicada em sala de aula e o corpus foi formado basicamente pelas produções textuais e as atividades produzidas pelos aprendizes.

A título de organização, dividi o presente artigo em três momentos: no primeiro,



expliquei a metodologia utilizada no trabalho; em seguida, descrevi e discuti a análise dos dados, que consistiu na descrição e discussão das atividades propostas em sala de aula e, por último, no terceiro momento, apresentei as considerações finais a respeito da pesquisa e dos resultados alcançados, destacando as contribuições dessa tanto para a minha prática como professora da educação básica quanto para o aperfeiçoamento da escrita dos meus alunos.

METODOLOGIA

Nesse trabalho, desenvolvi uma metodologia baseada na aplicação de uma sequência didática, conforme o modelo de sequência sugerido por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), no intuito de trabalhar a produção textual em sala de aula a partir do gênero Carta Aberta. Esse estudo foi realizado em uma das minhas turmas da 3ª série do ensino médio regular noturno da E.E.E.F.M. José Miguel Leão, localizada em São José da Mata – Campina Grande – PB, durante o 1º semestre de 2015.

A turma investigada era formada basicamente por alunos que trabalhavam durante o dia, estavam fora da faixa etária considerada ideal pela escola e apresentavam dificuldades significativas e até certa resistência em relação à escrita, embora, durante conversas informais com alguns alunos, percebia o reconhecimento por parte desses da importância de se aprender a língua escrita.

As atividades desenvolvidas foram realizadas evidenciando as quatro etapas da sequência didática, a saber:

Na **apresentação da situação**, foi proposto o projeto de produção escrita do gênero textual Carta Aberta à turma, definindo que o texto produzido, além da forma escrita, seria publicado no mural da escola e no grupo da turma das redes sociais, no caso, no Facebook. A partir daí, os alunos passariam a ter contato em sala de aula com vários textos pertencentes ao



gênero Carta Aberta, realizando leituras e análises dos mesmos, passando, assim, para o segundo momento da sequência que foi a **primeira produção** do gênero Carta Aberta. Realizada essa primeira produção, iniciei a terceira etapa da proposta: **a elaboração dos módulos**. Tomei como parâmetro para essa elaboração, as dificuldades apresentadas pelos meus alunos ao produzirem a produção inicial do gênero sugerido. Finalizando a intervenção didática, solicitei à turma que reavaliasse a produção inicial da Carta Aberta produzida a partir das atividades realizadas em sala de aula acerca do gênero estudado e, em seguida, reescrevesse esse primeiro texto, o que se configurou na **produção final** dos alunos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesse estudo, tomei como corpus para a análise dos dados, a descrição e discussão das etapas que constituíram a sequência didática aplicada por mim em sala de aula durante o 1º bimestre de 2015. A turma investigada de 3ª série do ensino médio regular noturno foi selecionada devido às deficiências e à desmotivação dos alunos em relação à escrita.

O trabalho centrado no estudo do gênero textual Carta Aberta foi escolhido basicamente por dois motivos: primeiro, porque transformar os gêneros textuais em objeto de ensino-aprendizagem é dar um novo sentido às aulas de produção textual escrita. É fazer o aluno perceber que no seu dia a dia, em diferentes esferas sociais das quais participa, a comunicação ocorre através de diferentes gêneros textuais. Além disso, o trabalho com gêneros, de certa maneira, constrói no aluno uma aprendizagem mais significativa e contextualizada, já que os gêneros estão presentes, não só no contexto escolar, mas também em diferentes esferas da comunicação humana.

Segundo, porque o gênero Carta Aberta, ao contrário dos gêneros que são aprendidos espontaneamente, exige um processo de aprendizagem mais formal, que envolve não só a produção dos aspectos linguístico-textuais escritos desse gênero, mas também a consideração



de suas funções discursivas e comunicativas. Por outro lado, a Carta Aberta é um gênero distante da realidade dos alunos pesquisados, porém é um gênero importante socialmente no sentido de promover a consciência cidadã dos estudantes.

Feitas essas ressalvas, descreverei e discutirei a seguir cada etapa que compôs a sequência didática aplicada:

Iniciando a sequência com o que Schneuwly, Noverraz e Dolz (2004) chamam de Apresentação da situação, expus o projeto didático à turma de proposta de produção textual escrita do gênero Carta Aberta. Sem maiores transtornos, fui exibindo aos alunos o que era o gênero Carta Aberta, a quem normalmente esse texto se dirigia, o veículo em que era publicada, quem produzia esse gênero (papel social do produtor), com qual objetivo, sua forma de realização (texto escrito), seus contextos de uso, etc.

Como já era do meu conhecimento, os alunos envolvidos na pesquisa não reconheciam o gênero escolhido. Embora muitos autores defendam que é necessário que a escolha do gênero se adapte às necessidades dos alunos, esse desconhecimento acerca do gênero carta aberta acarretou na verdade um efeito contrário, pois oportunizou aos estudantes a possibilidade de vivenciar situações de escrita diferentes das que estavam acostumados como, por exemplo, apenas a produção das sequências tipológicas.

Ainda durante esse momento inicial, trouxe para a sala de aula dois textos pertencentes ao gênero Carta Aberta. Li os textos e discuti com a turma alguns aspectos de sua organização como: autores das cartas, o problema que motivou a produção dos textos, o possível destinatário, os argumentos utilizados, a sequência tipológica argumentativa predominante, etc. Ressalto aqui que os alunos não apresentaram dificuldades significativas durante a identificação feita oralmente desses aspectos nas cartas lidas.

No segundo momento da intervenção, denominado de A Primeira Produção, propus



aos alunos a produção inicial de uma Carta Aberta. Ao sugerir essa primeira atividade escrita, percebi uma visível apreensão por parte dos aprendizes. A dificuldade em escrever textos foi de imediato mencionada. Procurei tranquilizá-los, lembrando-lhes que essa primeira produção não seria avaliada de maneira somativa, apenas serviria para regular as atividades que seriam propostas posteriormente.

Considerando que não seria viável para a turma reconstruir, ao máximo, os parâmetros do contexto de produção e circulação do gênero escolhido, como lembra (Morais, 2011), precisei dar ao gênero Carta Aberta um novo contexto de produção e circulação, que seria a sua publicação no grupo da turma do Facebook para que a atividade de produção textual proposta fosse realmente eficaz e significativa na aprendizagem desse gênero. Vale destacar que essa adaptação ocorreu devido às limitações físicas, estruturais e financeiras da escola, já que não seria possível publicar os textos dos alunos nos espaços em que normalmente as cartas abertas são publicadas. Entretanto, apesar de o grupo da turma ser um espaço restrito, dependendo do compartilhamento dos textos pelos usuários, a carta produzida teria uma divulgação considerável.

A proposta para a elaboração dessa primeira produção partiu da exposição de problemas enfrentados nas comunidades de cada estudante. A partir do problema detectado, o aluno teria que escolher um destinatário específico para a sua carta. Apenas a título de exemplificação, abaixo segue uma carta produzida por um aluno durante essa segunda etapa da proposta:

A seca no Brasil, a muitos anos atrás não vivemos uma seca tão rigorosa como estamos vivendo neste últimos anos, portanto ao nosso ver, como fazer se nós brasileiros desperdiça mais e mais água, o reservatório que fornece água para nós só está com 19% e é preciso se não chover até o mês de dezembro não terá água para a população de todo Brasil, é um assunto que esta atingindo empresas já estão se preparando e uma desta



empresas já esta construindo uma (Sisterna) que foi gasto 2 milhões de reais, mais este reservatório poder fornecer água para uma família por cerca de 20 anos, é um exemplo para outras empresas implantem esse mesmo projeto.

Local: São José da Mata Data: 03/05/2015

Vocativo: Para Sociedade

Atenciosamente,

Aluna do 3º ano

O terceiro momento, chamado de Módulos, teve como base para a sua elaboração a identificação das capacidades já adquiridas pelos alunos bem como as dificuldades apresentadas por esses em relação à escrita inicial da Carta Aberta. Um dos problemas mais visíveis nas cartas produzidas estavam relacionados à construção composicional desse gênero. Apesar de durante a primeira etapa da sequência os alunos identificarem os elementos característicos da Carta Aberta de modo satisfatório, ao produzirem-na, apresentaram dificuldades significativas em relação ao: objetivo da Carta Aberta de buscar influenciar um determinado destinatário a mudar de opinião; a escolher um destinatário adequado para o texto produzido; a detectar um problema relevante que mereça a produção e publicação da carta; a usar argumentos convincentes, etc. Visando amenizar essas dificuldades, apresentei aos alunos mais um texto pertencente ao gênero Carta Aberta e, em dupla, propus atividades voltadas à identificação desses aspectos composicionais do gênero.

Em um momento posterior, trabalhei com a turma a sequência tipológica argumentativa predominante na Carta Aberta, já que os aprendizes também mostraram dificuldades em apresentar em seus textos uma argumentação consistente com exposição de fatos, reflexão a respeito de uma determinada questão, apresentação de justificativas, avaliação, uso dos operadores argumentativos de maneira adequada, etc. Diante dessas dificuldades apresentadas pelos alunos, solicitei também aos mesmos pesquisas sobre o



tema/conteúdo dos textos produzidos durante a escrita inicial, visto que para argumentar de maneira convincente acerca de um determinado assunto, é necessário conhecê-lo. Os estudantes tiveram que realizar as pesquisas em casa devido à ausência de laboratório de informática na escola bem como de uma biblioteca com acervo adequado e disponível.

As questões de gramática e sintaxe não foram diretamente trabalhadas por mim durante a realização dos módulos, uma vez que o estudo gramatical não era o foco da proposta. Entretanto, a ortografia foi tratada de maneira paralela ao trabalho realizado na sequência, isto é, realizei, sempre que oportuno, observações pontuais sobre questões ortográficas tendo em vista a futura reescrita dos textos, já que a totalidade da turma apresentava consideráveis problemas ortográficos. Contudo, enfatizo que o trabalho realizado com a ortografia não se sobrepôs às atividades voltadas para o estudo do gênero. Além disso, em nenhum momento da intervenção, a competência textual dos alunos foi confundida com a competência ortográfica.

Finalizando a sequência, propus à turma a revisão dos textos escritos anteriormente bem como a reescrita final dos mesmos. Destaquei que a atividade de reescrita deveria partir dos conhecimentos adquiridos e das tarefas realizadas durante as aulas anteriores. Presenciei uma inquietação dos estudantes diante dessa última atividade, embora, em comentários realizados pelos alunos, também observei que muitos já possuíam uma linguagem técnica e um vocabulário específico para falar sobre o gênero Carta Aberta, o que me levou a acreditar e depois a confirmar que os aprendizes possuíam agora um certo domínio do gênero estudado.

Os estudantes precisaram elaborar uma Carta Aberta acerca de um problema evidenciado em sua comunidade para ser publicada na página da turma do Facebook. Essa proposta foi a mesma desenvolvida durante a escrita inicial.

É imprescindível defender que, conforme destaca Schneuwly, Noverraz e Dolz (2004),



mesmo um trabalho centrado na produção de gêneros reais, como a Carta Aberta, esse trabalho pode ser visto, em sentido amplo, como uma simulação, pois a recepção dos alunos visa à aprendizagem do gênero. No caso dessa proposta, a simulação, ou adaptação, fica por conta de que os destinatários das cartas produzidas podem não chegar a ter conhecimento das mesmas, já que a página da turma no Facebook é restrita a seus membros. Porém, os problemas levantados pelos alunos são reais, pois foram e ainda são vivenciados por eles.

Além disso, a avaliação da produção final dos textos obedeceu aos princípios das avaliações formativa, os quais já mencionei anteriormente, e somativa. No caso da somativa, busquei utilizar, na medida do possível, a objetividade, como propõem Abaurre e Abaurre (2012) para a elaboração dos critérios de correção da produção textual escrita. Segundo as autoras, uma avaliação objetiva de um texto escrito exige do professor a não centralização da correção em aspectos gramaticais, a atribuição de uma nota ou conceito a esse texto, a adoção de critérios de avaliação previamente definidos com a turma, a não interferência de fatores subjetivos, entre outros.

Nesse sentido, discuti e elaborei com a turma os critérios que iríamos utilizar para avaliar os textos produzidos, a saber:

- **A opinião defendida no texto está clara?**
- **Os argumentos usados são convincentes e não-generalizantes?**
- **As orientações estabelecidas no início da produção do texto foram seguidas?**
- **Foi estabelecido um diálogo com o destinatário?**
- **O destinatário escolhido possui autoridade para discutir ou solucionar o problema?**
- **O grau de formalidade da linguagem foi respeitado?**
- **Há no texto os elementos constituintes da carta aberta: local, data, título, expressão de despedida, assinatura, vocativo presente no título, etc.**



Novamente, apenas a título de exemplificação, segue abaixo uma das cartas reescritas pelos alunos:

Carta aberta aos Senadores e Deputados

Campina Grande/PB, 13 de julho de 2015

Excelentíssimos senhores deputados e senadores,

Em virtude do uso de celulares em sala de aula, nós alunos da escola José Miguel Leão, situada no distrito de São José da Mata – PB, reivindicamos a revisão da lei que é contra o uso do celular em sala de aula. Assim decidimos escrever-lhes para enfatizar a necessidade de novas leis a fim de reverter esse quadro.

Uma pesquisa divulgada no site Uniersia Brasil, em 14 de fevereiro de 2013, revela que o uso do celular em sala de aula é benéfico e que cada vez mais os professores têm descoberto maneiras de utilizá-lo como aliado do aprendizado.

É um recurso de linguagem, pois permite o uso de aplicativos de tradução, permitindo realizar exercícios mais dinâmicos e práticos. Além disso, é possível aproveitar recursos diferenciados com esse aparelho como: ler trechos de livros. Nós alunos podemos utilizar os celulares para compartilhar esse e outros recursos, gravar conversas e vídeos e postarmos em sites. Inclusive, serve como ferramenta de incentivo na participação das aulas, especialmente no caso de alunos mais tímidos. Além de continuar a discussão após a aula, podemos interagir em fóruns organizados pelos professores, etc.

Por isso, pedimos aos senhores, excelentíssimos deputados e senadores, que implantem novas ou melhores as leis já existentes para que o celular venha a ser usado em sala de aula.

Atenciosamente,



Alunos da Escola Estadual José Miguel Leão

CONCLUSÃO

Mesmo reconhecendo as limitações impostas muitas vezes pelo processo de didatização sofrido pelos gêneros textuais, as atividades propostas na sequência didática aplicada por mim em sala de aula visaram atribuir sentido à produção textual escrita dos alunos envolvidos na pesquisa, fugindo do trabalho descontextualizado e pouco significativo da produção exclusiva das sequências tipológicas apreciadas pela escola (narração, descrição e dissertação). Assim, o elemento-chave para esse trabalho passou a ser o gênero, no caso, a carta aberta.

O trabalho com esse gênero a partir da metodologia da sequência didática proporcionou aos estudantes a possibilidade de compreender que a escrita é uma habilidade que se aprende e não dom com que alguns já nascem. Isso ficou comprovado nas versões finais dos textos produzidos, pois, mesmo que a totalidade da turma não tenha chegado a uma versão final satisfatória do texto, houve progressos relevantes na escrita dos alunos envolvidos nesse trabalho. Assim, o projeto mostrou que seguindo esse caminho calcado no ensino-aprendizagem dos gêneros a partir da sequência didática, os estudantes passaram a compreender as suas limitações iniciais em relação à escrita de determinado gênero buscando superá-las, conseguiram se autoavaliarem a respeito dessas limitações e atribuíram sentido aos textos que produziram, conseguindo reconhecer, inclusive, a função social desses textos produzidos.

Por outro, como professora da educação básica, esse trabalho sistemático e articulado com a produção textual escrita em sala de aula me possibilitou ver que é possível e necessário ensinar os alunos do ensino médio a escreverem. Além disso, colaborou para reforçar a



função social da escola e, principalmente, a minha como professora de Língua Portuguesa, que é de inserir o estudante no mundo letrado, já que vivemos em uma sociedade em que a centralização na escrita é notória em absolutamente quase todos os espaços sociais. Nesse sentido, a escola necessita, através do trabalho com os gêneros textuais, “ampliar o letramento dos alunos, proporcionando-lhes as condições para que se insiram, com autonomia, em eventos de letramento os mais diversos, que implicam gêneros textuais variados, numa perspectiva de formação cidadã” (MENDONÇA, 2005).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABAURRE, Maria Luiza M. e ABAURRE, Maria Bernadete M. **Um olhar objetivo para produções escritas: analisar, avaliar, comentar**. São Paulo: Moderna, 2012.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MARCUSCHI, Beth. Redação escolar: breves notas sobre um gênero textual. In: SANTOS, Carmi; MENDONÇA, Márcia; CAVALCANTE, Marianne (Orgs.). **Diversidade textual: os gêneros na sala de aula**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- MENDONÇA, Márcia. **Projetos temáticos: integrando leitura, produção de texto e análise linguística na formação para a cidadania**. Construir notícias, Recife, ano 4, nº 21, p. 49-53, março/abril 2005.
- MORAIS, Margareth Andrade. Gêneros textuais nos livros didáticos: uma abordagem teórico-metodológica. In: SANTOS, Leonor. (Org.). **Gêneros textuais nos livros didáticos de Português: uma análise de manuais do ensino fundamental**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2011./Livro eletrônico – modo de acesso: www.leonorwerneck.com/
- SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim e colaboradores. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.